



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rizomar-e-verbo>

## Rizomar é verbo para elas

Fabíola Fonseca<sup>[1]</sup>

**RESUMO:** o presente texto tem como proposta levantar a possibilidade de encontrar aliados em um cenário configurado pelas mudanças climáticas. Nosso disparador foi o evento extremo causado por um ciclone extratropical que produziu uma forte ventania no sul e sudeste do país, além das baixas temperaturas. Acreditamos ser urgente encontrar aliados para o enfrentamento da crise e fazermos experimentações que nos desloque dos parâmetros hegemônicos que hoje balizam nossas formas de estar, de existir e de nos relacionarmos entre a nossa espécie e com as demais. Trazemos as chamadas plantas invasoras para a conversa como forma de nos aliarmos a elas, de encontrarmos outros olhares e sensibilidades. São elas que nos convocam nesse texto a aguçarmos nossos sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plantas Daninhas. Rizoma. Eventos Climáticos

---

## Rhizomar is a verb for them

**ABSTRACT:** The present text proposes to raise the possibility of finding allies in a scenario configured by climate change. Our trigger was the extreme event caused by an extratropical cyclone that produced strong winds in the south and southeast of the country, in addition to low temperatures. We believe that it is urgent to find allies to face the crisis and to carry out experiments that displace us from the hegemonic parameters that today guide our ways of being, of existing and of relating to our species and to others. We bring the so-called invasive plants into the conversation as a way of allying ourselves with them, of finding other perspectives and sensitivities. They are the ones who summon us in this text to sharpen our senses.

**KEYWORDS:** Weeds. Rhizome. Climate Events



### **De eventos climáticos extremos à rizomas com plantas invasoras**

Ontem os jornais noticiaram a queda das temperaturas no sul e sudeste do Brasil que vieram junto com uma ventania que atingiu 74km na capital paulista. De acordo com as notícias da meteorologia, a ocorrência de um ciclone extratropical causou isso tudo. Era possível ver a força do vento nas imagens. Nas regiões costeiras, a ventania atingiu velocidades maiores, as ondas do mar se quebravam com força nos barcos, causando ali um movimento que, para quem assistia, produzia um certo tremor de pensar que o barco poderia virar ou rachar em alguma parte da sua proa.

No dia seguinte à ventania, os sites anunciavam o número recorde de ligações para informar a queda de árvores. Até aquele momento, havia 240 registros. Houve também quem registrasse a queda das árvores em cima de suas casas e a impossibilidade de permanecer no local por conta do frio que chegou com a derrubada do telhado que ajudava a manter a temperatura do abrigo. Uma chuva chegou nas cidades atingidas uns dias antes dos ventos, gelada, e se manteve no local um dia depois. Nessa época de inverno as chuvas são raras por aqui.

Pra ser honesta, o regime das águas em determinadas regiões do Brasil tem uma engraçada relação com os meses que tem R. Então janeiro, fevereiro, março e abril tem R e são períodos de chuva. Quando começa maio, junho, julho e agosto, as chuvas dão um tempo e esses meses são escritos sem R. Em setembro, outubro, novembro e dezembro, meses que tem R, as chuvas começam a engrenar novamente depois do longo período de estiagem. Agosto é o auge da estiagem, mês conhecido pelas baixas umidades do ar. Em cidades no centro-oeste, por exemplo, o nariz da gente pede clemência. De tal forma que uma noite tranquila de sono precisa ser acompanhada de um umidificador de ar ou um balde com água ou uma toalha molhada perto da cama, o que não é muito recomendado pelos médicos.

Quando morava em Goiânia, meu nariz sangrava nessas épocas de seca, sobretudo no começo da estação.

E também as chuvas quando acontecem nesses períodos de estiagem costumam ser chuvas ácidas por arrastarem consigo gases que estão na atmosfera produzidos pela queima de combustível fóssil, como óxidos de enxofre (SO<sub>2</sub> e SO<sub>3</sub>) e de nitrogênio (NO<sub>2</sub>, N<sub>2</sub>O), principalmente, mas também



incluem o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>). Apesar de ser um gás estável, quando em meio aquoso CO<sub>2</sub> reage com a água e forma o instável H<sub>2</sub>CO<sub>3</sub> (ácido carbônico) que é um gás instável. Essas combinações que formam as chuvas ácidas demonstram seus efeitos a longo prazo com a corrosão de estátuas e monumentos que estão expostos a ela, por exemplo.

De tal modo que ontem experimentamos mais um evento climático extremo que levanta inúmeras questões sobre nosso presente. Sem nunca perder de vista que esses eventos extremos afetam as espécies, coisas e pessoas de forma diferentes - o que deve ser ponderado quando pensamos nas possibilidades de enfrentamento - quero colocar em relevo nesse texto sobre a forma como existimos e experimentamos com as coisas. Mas isso não deve ser feito sem que nos leve ao encontro de pensar no *como* temos experimentado com o mundo e com a diferença. Com David Lapoujade (2017) aprendo sobre o modo de existência dos virtuais. Para ele, “todo ser é uma maneira de ser e reciprocamente: toda maneira de ser é um ser distinto, que existe à sua maneira” (p. 27). Então, a partir da filosofia de Etienne Souriau, ele fala sobre os modos de existências dos fenômenos, das coisas, dos imaginários e dos virtuais.

Portanto, devemos considerar cada um desses modos como uma arte de existir. Esse é o interesse de um pensamento do modo como tal. O modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em um determinado plano. É um *gesto*. Cada existência provém de um gesto que o instaura, de um “arabesco” que determina qual será tal coisas. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência (LAPOUJADE, 2017, p. 15. Grifo do autor).

Então quando ele traz a existência dos virtuais, ele nos coloca diante de uma infinidade de possibilidades que é, ao mesmo tempo, potente e frágil. Isso porque os virtuais estão a nossa volta, aparecem, desaparecem, se transformam; não estão em nenhum lugar específico, não tem necessariamente consistência ou solidez. Mas estão ali, à espreita, esperando que um gesto provoque movimentações entre esses planos, uma vez que “seu gesto próprio é suscitar outros gestos” (LAPOUJADE, 2017, p. 38). Então nesse sentido, podemos colocar uma graça a mais no mundo, pois um modo de existência estático dá lugar aos movimentos que fazem com que esses virtuais mudem de planos na criação de um mundo que é dinâmico. O que passa a existir? Como passa a existir?

Entre o que Lapoujade (2017) chama de instauração da existência, o gesto que a convoca à realidade, ele levanta a questão sobre como perceber os virtuais. Então aqui as formas de perceber o mundo é perceber a forma como novas forças são convocadas diante daquilo que estamos



experimentando. “Em vez de um mundo comum, há uma multiplicidade de maneiras ou gestos: maneiras de percebê-lo, de se apropriar dele, de explorar suas potencialidades” (p. 57). E é assim que vamos experimentando infinitas possibilidades de existir e de fazer existir.

Isso por si só torna toda a existência como inacabada e por isso tão potente quanto frágil. Potente por conta da criação de gigantes que podem daí emergir e frágil por correr o risco a todo tempo de ser quebrada. Os modos de existências estão, portanto, sempre em processo. De tal maneira que quando passamos a ver ou sentir as outras existências, passamos a ser testemunhas da existência delas. Quantos ratos e baratas Clarice Lispector nos fez testemunhar com seus textos? O que dizer da mosca de Marguerite Duras? Ou da indiferença das plantas postas por Djaimilia Pereira de Almeida? Aos meus sentidos, há uma forma de comunicação secreta quando somos convocados a instaurar relações com esses virtuais. Como diz o próprio Lapoujade em um outro texto sobre essa possível política do silêncio. Em um mundo tão saturado de linguagem, o filósofo enfatiza o silêncio como possibilidade de convocação de outras forças.

[Uma política do silêncio] é a situação de alguém que deve testemunhar o que viu, ouviu ou sentiu a pessoas que nada viram, ouviram, nem sentiram, embora tenham percebido as mesmas coisas, os mesmos corpos, as mesmas situações; portanto, esse alguém é uma estranha testemunha que vê mais que os outros ou que vê outra coisa. Todo mundo vê o que se passa, todo mundo vê perfeitamente o que se passa: todo mundo fala do que se passa com todo mundo. Mas a testemunha, ela vê algo que os outros não viram e não dispõe de palavras para dizê-lo. É a situação do ingênuo, do idiota ou de uma espécie de vidente, em suma, daquele que não quer compreender (ou que não pode compreender como os outros), que não quer entrar no sistema de significações preexistente que arrasta o fluxo de palavras (LAPOUJADE, 2014, s/p.).

Nesse sentido, estamos falando de um bloco de sensações que são desencadeadas a partir das nossas formas de experimentar com esses seres que podem, com um gesto, mudar de plano. Basta um instante para que as coisas se embaralhem e acionem outras sensações. Essa mudança usualmente desencadeia outras infinitas possibilidades de experimentação e, conseqüentemente, alargam todo um universo de sensações, o que nos coloca também como possibilidade a emancipação das nossas formas de pensar. É exatamente isso que a ciência, a arte e a filosofia fazem ao de dedicarem a experimentar com algo, no dizem Deleuze e Guattari (2016). Então quero chamar atenção para nossas atuais formas de experimentação com o mundo e como temos sido forjados em nossas subjetividades com parâmetros que afirmam e legitimam um pensamento hegemônico,



balizado pelo axioma do lucro. Acredito que isso não seja uma grande surpresa, mas chamar para o óbvio, para o que parece dado, para a besteira, é um tanto desconsertante.

Peter Pelbart (2013) diz que tudo aquilo que nos é mais próprio no nosso encontro com a exterioridade, a condição de corpo afetado pelas forças do mundo, tem sido arrancada das possibilidades de experimentação. É como se já existisse uma história que é contada antes mesmo de qualquer coisa acontecer, como se apreendéssemos as coisas em categorias que não se movem. E se perdemos a capacidade de nos afetarmos com a exterioridade, se somos o tempo todo bombardeados com *modos operandis* que nos blindam para não nos afetarmos, a gente chega em um lugar em que não há história para contar. Não sem razão, Guattari (2017) fala que vivemos tudo a mesma maneira, do amor ao turismo. E nisso, reforçamos a mesmice de um mundo que não pode mais inventado.

De tal forma que, balizados pela política fascista que arquiteta o cenário das mudanças climáticas (VALENTIM, 2018, p. 72) ou, nas palavras dele, “conforme podemos testemunhar mundo agora, o fascismo é a política oficial do Antropoceno (assim como o capitalismo, o seu sistema econômico)”, criamos as nossas relações entre a nossa espécie e com as demais. Assim, nossas sociabilidades são construídas por essas relações e, não sem razão, a importância das coisas tem sido medidas a partir da possibilidade de ser transformada em algo comercializável ou rentável.

Podemos observar isso no tratamento que tem sido dado às plantas que inicialmente foram chamadas de plantas daninhas, ervas daninhas, mato, plantas ruderais, inço e, mais recentemente, começaram a ser chamada de plantas invasoras. Invasoras do que?). No próprio nome já carregam esse estigma de que são seres danosos, que não tem importância, uma vez que são balizadas pelo valor comercial que arrancam das culturas agrícolas. Aliás, elas são nomeadas assim porque usualmente causam danos à agricultura, sobretudo de larga escala.

De acordo com Lorenzi (1994, p. 7), “uma planta daninha é qualquer ser vegetal que cresce onde não é desejado”, ele ainda acrescenta “no presente trabalho serão consideradas apenas as espécies daninhas que ocorrem em culturas agrícolas de solos preparados convencionalmente ou plantio direto”. Logo, o entendimento e categorização de uma planta como daninha é a forma como ela intervém nas culturas agrícolas. De tal forma que uma planta daninha quando cresce juntamente com culturas agrícolas interfere no desenvolvimento destas e, conseqüentemente, diminui a produção.



Há nesse encontro uma competição por água e nutrientes e a produção de substâncias químicas que interferem no crescimento das culturas agrícolas, fenômeno chamado na biologia de alelopatia. Nesse sentido, pesquisadores têm se debruçado para compreender a biologia das plantas daninhas, formas de controlar seu crescimento e proliferação. Lorenzi cita em seu livro *Manual de identificação e controle de plantas daninhas* uma lista de possibilidades entre controle físico/mecânico, biológico, de culturas e químicos, o que inclui aqui os herbicidas e agrotóxicos para combater tais plantas.

De tal forma que as nossas possibilidades de experimentar nossas existências com as delas, tem sido balizada por valores comerciais das culturas agrícolas: por não terem valor comercial e, por diminuírem o lucro das plantas cultivadas, recebem o *status* de serem danosas e invasoras. E isso vai sendo reforçado pela formas que somos levados a enxergá-las: feias e prejudiciais. Logo, esse suposto mato que cresce em total desordem não é bem vindo, deve ser arrancado, não merecem viver suas próprias vidas de plantas, pois são visitas indesejáveis que chegam nos campos agrícolas e nos jardins projetados sem bater na porta.

Elas entram, invadem, tomam seus lugares, apresentam suas estratégias de sobrevivência e de proliferação. Seu crescimento silencioso e desordenado preenche lugares perturbados com rapidez e de forma rápida, daí o fato de serem classificadas como plantas de metabolismo C4. É com um gesto silencioso que elas se instauram, por vezes do dia para a noite soltam suas numerosas sementes com sua alta capacidade de saber esperar sinais de que é um bom momento para germinar; em ambientes subterrâneos, fazem crescer seus e tubérculos em suas alianças com outros seres que habitam o solo; crescem em estruturas para agarrar outras plantas ou até mesmo pequenos seres que possam ser consumidos nesse processo de fazer vazar os campos onde invadem; crescem em condições adversas de pouca água, solos pobres de nutrientes ou empobrecidos pelas monoculturas; invadem e povoam terrenos inteiros em suas composições com outros seres, criam ali um mundo para viver juntos.

Brighenti e Oliveira (2011) ressaltam a incrível capacidades que essas plantas tem em crescer em locais totalmente perturbados, com solos pobres em nutrientes, de protege o solo contra a erosão tanto da chuva quanto eólica, de conseguirem fazer a cobertura vegetal desse solo e, com isso, diminuem a temperatura dele; quando em decomposição, a cobertura morta incrementa os teores de matéria orgânica, o que finda por enriquecer com nutrientes provenientes desse processo.

Rizomar é verbo para elas.



Acontece que rizomar é uma peculiaridade do encontro. Para preencher vazios, ocupar espaços, terrenos inteiros é necessário compor, conjugar-se ao outro e assim, se espalharem juntos, cojugando forças que ultrapassam os limites dos canteiros. Essas plantas tem encontrado aliados e se agarrado a eles, ainda que as condições sejam adversas. Rasgam cimentos, calçadas, preenchem terrenos baldios com suas potências de proliferações e estratégias que foram fazendo ao se compor com o outro para que ambos conquistassem suas existências.

E não é estranho falar que toda essa potência dessas alianças produzem todo um mundo ao redor delas, para elas e graças a elas. Essas plantas, assim como todos os outros seres humanos ou mais que humanos, produzem um mundo para si e o fazem perpetuar na medida em que o encontro vai colocando ali a necessidade de pequenos rearranjos que, por sua vez, despertam outras potências vegetais. É a própria política vegetal: a criação de uma ética que se dá graças ao encontro com o outro. Uma ética que não se limita aos seus encontros com seres mais que humanos, mas que também tem embalado criações artísticas e atualizado outras existências. Essas potências vegetais que nos inspiram a querer ter outras histórias para contar, a deslocar nossos sentidos, pensar em outras possibilidades de existir juntos.

Tenho experimentado com essas plantas há um tempo e se hoje componho esse texto com elas, por elas e graças a elas, é porque de alguma forma sou posta em movimento, aguçada por outras sensações. Pensar nos eventos climáticos e na forma como temos criado nossos modos de existir nos coloca diante da urgência de recontar as histórias que temos contado e, com isso, perceber que que essa história não pode ser contada a partir de um único ponto de vista/perspectiva, sob pena de aniquilar o outro. Essa história precisa ser considerada a partir do ponto de vista/perspectiva daqueles que estão envolvidos se envolvem com ela. Tenho me inspirado com os escritos da filósofa Vinciane Despret (2016, p. 17) diz que “nesses tempos de extinção, precisamos de outras histórias para nos ensinar a mudar nossa relação com o mundo, torna-lo menos violento, menos mecânico, menos dominador. Histórias que não seriam mais restritas a padrões econômicos ou de guerra”. E talvez esse seja um dos convites que as emergências climáticas nos fazem: de rever as nossas sociabilidades, as histórias que temos contado e a de fazer emergir a possibilidade de outras formas de nos conectarmos ao outro, seja uma planta, um animal, uma pedra.

### **Bibliografia**

ALMEIDA, Djaimilia Pereira. **A visão das plantas**. São Paulo: Todavia, 2021.



BRIGHENTI, Alexandre Magno; OLIVEIRA, Maurílio Fernandes. Biologia das plantas daninhas. In: Oliveira Júnior, R. S.; Constantin, J. (Eds). **Plantas daninhas e seu manejo**. Guaíba: Agropecuária, 2011.

DESPRET, Vinciane; DE OLIVEIRA, Tradução de Cícero. O que diriam os animais se. **Cadernos de Leitura**, Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles . **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LAPOUJADE, David. O inaudível – uma política do silêncio. **Artepensamento IMS**. 2014.

LORENZI, Henri. **Manual de controle e identificação de plantas daninhas**. São Paulo: editora Plantarum, 1994.

PELBART, Peter. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n–1 edições, 2013.

*Recebido em: 15/08/2022*

*Aceito em: 15/09/2022*

---

[1] Pós-doutoranda em Educação vinculada ao projeto INCT-MC Fase 2. Email: fasimoes@unicamp.br